DAS GRAVIOLAS

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO *



Quente, muito quente essa cidade de Porto Velho. Gotas de suor escorriam pelo rosto e por todo o corpo. Com a colher na mão, entrava em êxtase com aquela caldeirada de tucunaré. No prato fundo, o pirão, bastante caldo e as fatias claras do tucunaré cozidas apenas na água com sal, coentro e rodelas de tomates. Após o cozimento, um punhado de cheiro-verde picadinho e uns fios de azeite de oliva completavam um dos pratos mais saborosos servidos ali, na beira do rio Madeira, nas redondezas de Porto Velho. No copo, com alguns cubos de gelo, um refresco de graviola.

Ficara a manhã de pé, contando história para turmas de alunos de escolas públicas de primeiro e segundo graus da capital de Rondônia. Revelara aos jovens rondonienses um repertório de fábulas, lendas, mitos e contos populares e autorais. Nunca fora tão aplaudido ao contar histórias como havia sido naquela manhã. Estava feliz e faminto. Deslumbrado com a paisagem das margens do Madeira de água barrenta e correnteza acelerada. Estava ali, repetindo o prato com pirão, caldo e os pedaços de tucunaré à beira do Madeira. De sobremesa foi servido um creme gelado de graviola. Feito de forma simples: sem os caroços, os gomos da fruta são batidos no liquidificador, com creme de leite e leite condensado, levados ao freezer e servidos em taças. Obra dos deuses esse creme, melhor dizendo, a graviola. Só ao término desse banquete narrei aos amigos à curiosa história vivenciada por mim naquela manhã.

Contando histórias no auditório de uma escola observara a freqüência de meninas estudantes, de barriga. Aproximei-me de algumas e quis saber se aquela gravidez era desejada. A maioria me respondeu que não. Perguntava o porquê, então, da gravidez.

- É, foi do namoro.

- Sim - insistia -, mas namorar não necessariamente significa gestação.

- É, pois é, aconteceu.

- Mas aconteceu por quê? Vocês queriam engravidar? E os preservativos, não usaram?

Fora conversar também com os rapazes. A revelação deles me deixara perplexo. Então era isto: transar em pé não fecundava. Nunca ouvira esse boato. Mas eles ouviram. E acreditavam. Transavam em pé, esses adolescentes, por que ouviram dizer que não fecundava. Ficara pasmo. Eram jovens, frequentavam a escola, estudavam, ouviam rádio, viam televisão e acreditavam numa heresia dessas! Meninas de 13, 14, 15 e 16 anos emprenhadas por causa de um boato. Toda uma vida, sonhos e futuros comprometidos por desinformação

Jovens de famílias pobres, que estudavam graças aos esforços dos pais, já envolvidas com o compromisso da maternidade. Era um espanto! Em cada turma, umas cinco ou seis meninas barrigudas. Ficara mobilizado por aquela juventude e indignado com a escola então, ali, escancarado, nos olhos dos professores, e eles não estavam nem aí! Decidira ir a direção da escola e sugerir o diálogo, uma possível atuação dos professores junto aos alunos, abrindo espaço para esclarecimento e debates sobre sexualidade, afeto, gravidez e as diferentes formas de preveni-la.

A direção da escola e alguns professores prometeram promover seminários abertos sobre essas questões. Poderia dizer que minha observação fora desencadeada por um olhar estrangeiro sobre a doméstica rotina daquela escola. Quando embarquei de volta de Porto Velho, trouxe nas mãos uma embalagem de isopor com polpas congelas de graviola, que comprara no aeroporto horas antes do embarque. Já em casa, preparei um pote de sorvete Penso, penso muito nessas crianças que nascerão.. Certamente enfrentarão grandes dificuldades pela vida, até para saborear um bom sorvete de graviola

* Contador de Histórias